



SABERES INDÍGENAS NA ESCOLA: CULTURA E MEMÓRIA DO POVO XAKRIABÁ

Silvia Miranda¹

RESUMO

Este trabalho apresenta resultados de pesquisa de Mestrado em Educação desenvolvida a partir de 2020, que tematizou estratégias de visibilidade do povo Xakriabá a partir do material pedagógico produzido no âmbito do Programa Saberes Indígenas na Escola (SIE) da Universidade Federal de Minas Gerais. Implementado pelo Ministério da Educação em 2013, o SIE corresponde à demanda dos povos indígenas em relação à produção de material autoral, de acordo com seus processos pedagógicos próprios. A pesquisa procedeu à análise das narrativas que compuseram os 07 (sete) livros produzidos pelos Xakriabá entre os anos de 2016 a 2019 e buscou indicar como a identidade sociocultural se manifesta. O estudo foi realizado a partir de uma Pesquisa Qualitativa, contando com a participação dos autores e a equipe, ou seja, a partir da comunicação entre pesquisadora e integrantes do SIE. O presente artigo é um recorte dos temas cultura, memória e identidade que demonstra as contribuições dos povos indígenas, mais especificamente do povo Xakriabá, para a compreensão da história e da diversidade da sociedade brasileira. Ressalta a importância da continuidade da rede Saberes Indígenas na Escola, dada a sua relevância para as comunidades e escolas Xakriabá e como estratégia de resistência dos povos indígenas.

Palavras-Chave: Educação Indígena; Saberes Indígenas na Escola; Povo Xakriabá.

RESUMEN

Este trabajo presenta los resultados de una Maestría en Educación de investigación desarrollada desde 2020, que tematiza estrategias de visibilidad del pueblo Xakriabá a partir del material pedagógico producido bajo el Programa de Conocimiento Indígena en la Escuela (SIE) de la Universidad Federal de Minas Gerais. Implementado por el Ministerio de Educación en 2013, el SIE corresponde a la demanda de los pueblos indígenas en relación a la producción de material autoral, de acuerdo con sus propios procesos pedagógicos. La investigación procedió al análisis de las narrativas que componían los 07 (siete) libros producidos por los Xakriabá entre los años 2016 a 2019 y buscó indicar cómo se manifiesta la identidad sociocultural. El estudio se realizó a partir de una Investigación Cualitativa, con la participación de los autores y el equipo, es decir, a partir de la comunicación entre investigador y Miembros del SIE. Este artículo es un corte de los temas cultura, memoria e identidad que demuestra las contribuciones de los pueblos indígenas, más específicamente el pueblo Xakriabá, para comprender la historia y la diversidad de la sociedad brasileña. Destaca la importancia de la continuidad de la red de Conocimientos Indígenas en la Escuela, dada su relevancia para las Comunidades y Escuelas Xakriabá y como estrategia de resistencia de los pueblos indígenas.

Palabras clave: Educación Indígena; Conocimiento indígena en la escuela; Gente de Xakriabá.

¹ Mestranda em Educação pela Universidade do Estado de Minas Gerais (PPGEDUC/UEMG). Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) 2016, com formação complementar em Educação Social. Atualmente é auxiliar de pesquisa e supervisora de formação do Programa Saberes Indígenas na Escola. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação para a Diversidade, atuando principalmente nos seguintes temas: educação escolar quilombola e educação escolar indígena.



ABSTRACT

This paper presents results of a Master's degree in Education research developed since 2020, which themestrategies of visibility of the Xakriabá people from the pedagogical material produced under the Indigenous Knowledge Program at the School (SIE) of the Federal University of Minas Gerais. Implemented by the Ministry of Education in 2013, the SIE corresponds to the demand of indigenous peoples in relation to the production of authorial material, according to their own pedagogical processes. The research proceeded to the analysis of the narratives that comprised the 07 (seven) books produced by the Xakriabá between the years 2016 to 2019 and sought to indicate how sociocultural identity manifests itself. The study was conducted based on a Qualitative Research, with the participation of the authors and the team, that is, from the communication between researcher and Members of the SIE. This article is an acut of the themes culture, memory and identity that demonstrates the contributions of indigenous peoples, more specifically the Xakriabá people, to understand the history and diversity of Brazilian society. It emphasizes the importance of the continuity of the Indigenous Knowledge network in the School, given its relevance to the Communities and Schools Xacriabá and as a strategy of resistance of indigenous peoples.

Keywords: Indigenous Education; Indigenous Knowledge at School; Xakriabá people.

INTRODUÇÃO

O presente artigo resulta da pesquisa de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais a partir da análise do material produzido pelo povo indígena Xakriabá, no âmbito do Programa Saberes Indígenas na Escola (SIE) da Universidade Federal de Minas Gerais. A partir desta análise pretendemos colaborar com as estratégias de visibilidade às culturas negadas e inverter lógicas de apagamento dos povos indígenas.

Analisamos de que maneira produzido pelo povo Xacriabá no SIE - UFMG demonstra as especificidades dos Xakriabá, investigando suas potencialidades pedagógicas e interculturais a partir de suas narrativas e as temáticas trabalhadas, tendo como objetivos geral e específicos investigar o modo como a identidade sociocultural do povo Xakriabá se manifesta no material produzido, descrevendo e contextualizando o Programa Saberes Indígenas na Escola; inventariando o material produzido pelo povo Xakriabá no âmbito do Programa Saberes Indígenas na Escola, conforme suas narrativas e sua potencialidade intercultural; analisando as narrativas veiculadas neste material e a forma como expressa a história e a cultura do Povo Xakriabá; avaliando de que maneira esse material contribui para o reconhecimento e a valorização dos saberes indígenas.

A homogeneização das produções que representam indígenas como se fossem um só povo é um dos componentes da estereotipia. Nota-se que para além das condições sociais pejorativas que marcam esses grupos, mais



importante são suas estratégias de organização para lidar com uma sociedade que propõe integrá-los em uma lógica que não lhes pertence. Bessa Freire (2016) analisa esta representação dos povos indígenas que são internalizadas por nós não-indígenas e aponta que as percepções em torno das culturas indígenas são aquelas transmitidas:

[...] pela escola, pelo museu e pela mídia, entre outros aparelhos ideológicos e equipamentos culturais [...]. A ideia do índio genérico, com o apagamento da diversidade cultural e linguística, como se formassem um bloco único, está presente na maioria das respostas, assim como a visão de que os índios pertencem a culturas 'atrasadas', 'inferiores', 'ignorantes', despossuídas de tecnologia e de saberes. Da mesma forma, tais imagens consideram os índios como 'coisas do passado', como 'primitivos', acreditando que suas culturas são incompatíveis com a existência de um Brasil moderno (FREIRE, 2016, p. 33).

A partir das considerações do autor e experiências no trabalho do Saberes Indígenas na Escola, percebemos que a produção deste material dialoga com outros espaços quando se busca a visibilidade indígena fora das aldeias, com intenção de manter os costumes e tradições dos povos indígenas e de um movimento inverso a segregação, a partir do esforço que fazem para dialogar com a sociedade, sem ter que deixar para trás suas características particulares, onde cada povo indígena envolvido no SIE - UFMG encaminhou sua produção de modo específico, de acordo com sua variação linguística e territorial, como também de acordo com as expectativas sobre a função que a escola assume em seu contexto sociocultural, evidenciou-se a forma particular como cada um dos diferentes povos envolvidos se expressa e os temas que atribuem relevância para figurar em um material para sua escola.

Utilizamos a Pesquisa Qualitativa, contando a participação dos autores e de participantes do projeto, ou seja, a partir da comunicação entre pesquisadora e integrantes do Saberes Indígenas na Escola. De acordo com Flick (2013, p. 128), os pesquisadores qualitativos escolhem os participantes propositalmente e integram pequenos números de casos segundo sua relevância. Espera-se que os participantes respondam a essas questões espontaneamente e com suas próprias palavras.

Recorremos aos arquivos que fazem parte do acervo do Programa Saberes Indígenas na Escola para fazer um inventário dos materiais produzidos pelo povo Xakriabá e, por intermédio da Análise Documental, analisamos o processo de



elaboração do material pedagógico entendendo como foram feitas as escolhas para esta produção, o que reforçaram como elemento da sua identidade e quais as obras consideraram os mais indicadas para dar conta de falar da cultura do povo Xakriabá.

A pesquisa teve como referencial teórico os estudos que têm sido realizados sobre os povos indígenas, sua cultura, sua identidade e sobre as representações veiculadas sobre o povo Xakriabá. Para fins de análise desses materiais e daqueles produzidos pelos próprios indígenas Xakriabá, foi importante utilizar de estudos que apontam para a implantação da Lei 11.645/2008 e como ela tem sido praticada em escolas não indígenas, assim como de estudos que tratam das representações que produzem a invisibilidade indígena. Miranda (2016, p. 270) assinala que “a integração indígena à nação brasileira foi um processo marcado por múltiplas violências: extermínio, genocídio, perseguições e estratégias políticas, como a escolarização e a proibição de uso da língua materna.” Ou seja, o apagamento é preenchido por violências múltiplas. Como demonstram pesquisas recentes, apesar da lei ter sido sancionada em 2008, de acordo com Antunes e Nogueira (2018):

[...] a historiografia em uso continua retratando as contribuições históricas e culturais dos negros e indígenas apenas em momentos pontuais, nos intervalos dos grandes fatos das potências mundiais e seu desdobramento sobre o Brasil, geralmente associando-os ao contexto de escravidão e colonização (ANTUNES; NOGUEIRA, 2018, p. 754).

Todo esse debate, embora não voltado especificamente para a produção de materiais indígenas, nos ajudou a refletir como os materiais didático-pedagógicos apresentam o povo Xakriabá, como esses materiais são construídos e o que privilegiam na ação de transmitir sua cultura e a história.

O Programa Saberes Indígenas na Escola busca formar professores da educação escolar indígena, especialmente de Ensino Fundamental, oferecendo recursos didáticos e pedagógicos adequados às especificidades do multilinguismo e dos processos de letramento, numeramento e conhecimentos das diversas comunidades indígenas; subsidiando a elaboração de currículos, metodologias e processos de avaliação que atendam às especificidades dos povos indígenas e promovendo ações e pesquisas voltadas à elaboração de materiais didáticos em diversas linguagens, bilíngues e monolíngues conforme a situação



sociolinguística e de acordo com as especificidades da educação escolar indígena. Neste capítulo traremos os dados das sedes e núcleos que compõem o programa nacional de formação de professores a nível nacional, além de contar um pouco da história de cada povo que está inserido na rede UFMG, bem como as ações desenvolvidas no âmbito do Saberes Indígenas na Escola. A partir da portaria n. 1062, de 30 de outubro de 2013, que institui o Programa Nacional dos Territórios Etnoeducacionais – PNTEE, publicada pelo Ministério da Educação, que dentre outras definições, afirma que:

[...] os territórios etnoeducacionais serão espaços institucionais em que os entes federados, as comunidades indígenas, as organizações indígenas e indigenistas e as instituições de ensino superior pactuam ações de promoção da educação escolar indígena, efetivamente adequada às realidades sociais, históricas, culturais, ambientais e linguísticas dos povos e comunidades indígenas (BRASIL, 2013).

Além disso, anuncia a ampliação e a qualificação da oferta de educação escolar indígena em todos os níveis; o fortalecimento do regime de cooperação entre os sistemas de ensino; e a garantia da participação dos povos originários, observando a territorialidade e as especificidades.

A partir do desenvolvimento do Programa Saberes Indígenas na Escola, tivemos a oportunidade de conhecer os materiais elaborados com as experiências dos professores/autores indígenas e da sua particular maneira de se expressar para falar de sua cultura e identidade no intuito de atender às necessidades de cada comunidade, especialmente para a produção de livros de alfabetização em contextos culturais e educacionais distintos entre si. Percebemos que esta produção se contrapõe aos materiais didáticos que circulam interpretações sobre os povos indígenas, os quais apresentam generalizações inadequadas que sedimentam estereótipos empobrecedores da diversidade, enquanto entre os povos indígenas há uma grande riqueza cultural e linguística. Entretanto, a riqueza dessa diversidade é invisibilizada e do mesmo modo, a diversidade territorial é apagada no material didático que mostra a floresta como o espaço habitado pelos indígenas, prescindindo de sua presença em outros biomas, como o cerrado e a mata atlântica.

A Rede SIE é composta por 24 instituições, sob a coordenação das seguintes IES: Universidade Federal do Amazonas, Universidade Federal de Rondônia (Unir), Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Universidade



Federal de Goiás (UFG), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); Instituto Federal de Roraima (IFRR) e da Universidade Estadual da Bahia (Uneb), buscando se organizar de maneira a criar um cenário articulado entre as escolas indígenas e as instituições parceiras, de modo a dar sustentação à realização de um conjunto continuado e sistemático de experimentações e iniciativas que pudessem efetivamente conduzir a um avanço dos processos e dos produtos: materiais escritos em diferentes formatos, práticas de conhecimento e de produção da escrita e da leitura em diferentes contextos e formatos, nas escolas e nas comunidades, em língua indígena e em português segundo os desejos e projetos de cada povo indígena e de cada comunidade.

POVO XAKRIABÁ: EDUCAÇÃO, TERRITÓRIO E RESISTÊNCIA

O povo Xakriabá tem seu território localizado no norte de Minas Gerais, no município de São João das Missões. As terras foram demarcadas em 1979 e homologadas em 1987. Tratam-se de 52 mil hectares com 36 aldeias e aproximadamente 10 mil habitantes. Como o povo Xakriabá expressa e reafirma com documento de posse que apresentam em suas publicações, datado de 1728, o território Xakriabá vai além do que está homologado, é mais extenso, chegando até as margens do Rio São Francisco e ainda está em processo de demarcação.

Santos e Oliveira (2017, p.85) descrevem que as principais características do território são o cerrado e a caatinga, ressaltando a composição semelhante de sua vegetação, composta por “árvores baixas, galhos tortos e raízes fundas. Alguns tipos de árvores encontradas, frequentemente, no cerrado são buriti, cagaita, articum e pequi. E na Caatinga encontram-se cactos, juazeiros, aroeiras, angico e etc.” Destaca-se ainda a predominância de áreas rochosas, arenosas, montanhosas e planas, além da presença de animais como: tatu, capivara, onça pintada, veado, gambá, preá, entre outros que fazem parte da alimentação e da medicina tradicional do povo Xakriabá, que conheceremos mais detalhadamente em diálogo com suas publicações.

Além das características físicas do território, o povo Xakriabá nos apresenta a importância deste na construção da sua história e identidade. Para Silva (2017,



p.22), “o território é base que sustenta a vida dos povos indígenas, e ali eles têm seus costumes de produzir seus produtos naturais de forma tradicional.” E para que esta história seja construída, respeitando o território, a organização do povo Xakriabá é feita a partir de suas lideranças, caciques e membros da comunidade. Ainda de acordo com Silva (2017):

Cacique é o líder dentro de uma reserva indígena e toma as decisões internas e externas para todas as aldeias. Liderança é o líder dentro da aldeia, e toma as decisões dentro da sua aldeia; e às vezes trabalham no coletivo e tomam decisões para todas as aldeias. Cada aldeia possui uma liderança e um vice, assim, os problemas que ocorrem nas aldeias são levados até as lideranças que tentam procurar a melhor forma para resolvê-los e, quando é um problema mais complicado, as lideranças junto com o dono do problema vão até o cacique para resolver (SILVA, 2017, p. 23).

EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA

A educação escolar indígena no Brasil, desestruturada a partir da colonização nas Américas no momento de tomada de terras e extermínio dos povos indígenas e suas culturas, onde, de acordo com Kaiang, a educação passou a ter uma visão que desconsidera as diferenças:

Quando se trata de Educação Indígena, veremos que, passado o século XX, ainda não temos uma Educação Indígena estruturada com suas especificidades e cujos educadores possuam a devida formação que garanta um ensino de qualidade para as mais variadas culturas e realidades existentes no Brasil. Falando nisso, ainda recentemente muitas escolas localizadas em terras indígenas encontravam-se fora dos sistemas de ensino dos estados, sendo, portanto, “clandestinas”. Nessas escolas, a maioria dos professores tem formação de Magistério, em nível de Ensino Médio, mas parte desses docentes não concluiu o Ensino Fundamental. Isso dificulta o ensino e a aprendizagem dos alunos indígenas e a prática da língua materna com a alfabetização, como está garantida na Constituição de 1988. Isso sem contar que o professor indígena não conta com estímulos para a sua prática pedagógica (KAIANG, 2006, p. 202).

A educação indígena tem que ser específica, diferenciada e de qualidade, porque é função desta mesma respeitar todos os aspectos culturais do povo. É papel de seus profissionais promoverem uma educação de qualidade em que se ensinam conhecimentos não indígenas, mas sem esquecer os conhecimentos do povo Xakriabá e dos seus direitos, respeitando a diversidade cultural do



mundo e fazendo respeitar-se como parte desse aspecto da diversidade, neste processo, afirma Gomes (2006):

O processo de escolarização do povo Xakriabá foi intensificado de modo muito acelerado com o início do funcionamento das escolas estaduais indígenas. Em pouco mais de dois anos, os Xakriabás passaram de uma oferta escolar que atendia a menos da metade da demanda a apresentar um quadro semelhante a oferta em Minas Gerais, com reivindicação de abertura de outras modalidades de ensino (educação infantil e educação de jovens e adultos), além da proposta de criação do ensino médio e de acesso à universidade. É a marcante forma dos Xakriabás em implementar a expansão da escolarização (GOMES, 2006, p. 16)

A proposta Xakriabá para a formação de professores indígenas constitui grupos de pesquisa, organizados por aldeias, para elaboração dos conteúdos de materiais pedagógicos para as escolas, onde formação e pesquisa são indissociáveis.

No caso do grupo social do povo Xakriabá, Gomes e Miranda afirmam que “a intensificação do processo de escolarização, que se deu com a instituição da escola indígena diferenciada nos anos 1990, foi precedida por várias tentativas de gestão local e alto investimento das comunidades, no sentido de prover o que passa a ser visto como necessidades de educação escolar de seus jovens e crianças” (GOMES; MIRANDA, 2014, p. 113). O processo não difere muito do que se assistia em outros locais, e na região, de modo geral. Trata-se das “casas de escola”, locais promovidos e geridos pelas famílias e/ou pelos próprios professores (que são sempre parte de alguma família).

A SABEDORIA DO POVO XAKRIABÁ ESCRITA NO PROGRAMA SABERES INDÍGENAS NA ESCOLA

Nos materiais produzidos pelo povo Xakriabá, sempre são apresentadas as lutas e dificuldades que enfrentam, as formas como se relacionam e a valorização de suas formas de organização coletiva. Em todas as publicações que propuseram para o SIE, percebemos como a organização e o respeito à escuta dos mais velhos foi fundamental para que chegássemos ao sucesso deste trabalho. Não havia nenhuma imagem, nenhuma história contada que não passasse pela avaliação de toda a comunidade e mesmo que o sistema estipulasse



prazo para entrega dos produtos, esse prazo só seria cumprido se todos concorressem com o processo de produção.

Sobre esta organização coletiva, de acordo com Fernanda Cruz em seu Percurso Acadêmico no FIEI:

Dentro da terra indígena tem uma organização política que conta com um conselho de lideranças, formado por um cacique geral, 2 caciques, sendo 1 da aldeia Rancharia/Tenda, e outro da aldeia Morro vermelho, lideranças e vice-lideranças que representam cada uma das 32 aldeias. E esse conselho participa de todas as discussões internas e externas, juntamente com as comunidades. Deste modo, pode-se considerar que nessa organização ninguém caminha sozinho e que seus passos, sendo eles gigantes ou pequenos, não acontece de forma individual, pois procura-se pelo caminho coletivo para atender as demandas das pessoas (CRUZ, 2013, p. 9).

Como anunciamos anteriormente, no processo de análise, fizemos uma leitura dos materiais, além de recorrer ao acervo do Programa, para entender como foi o seu processo de elaboração, assim como das imagens produzidas nas oficinas de ilustrações, quais trabalhos de conclusão de curso ou percursos formativos deram origem a ele, se os encontros aconteceram na Faculdade de Educação/UFMG ou na Terra Indígena. A partir deste trabalho, partimos para uma releitura para entender melhor o que de fato estava sendo discutido em cada uma das publicações para então selecionarmos palavras-chaves além de temas recorrentes sobre a história e a cultura do povo Xakriabá.

Cultura, memória e identidade são os temas destacados para este artigo. As memórias encontradas nas produções, seja dos seus autores ou dos entrevistados, permitiram que passado, presente e futuro se entrecruzassem nesta pesquisa como forma de pensar no reconhecimento e na valorização dos saberes indígenas.

Neste sentido, iniciamos com uma produção que dá centralidade ao artesanato do povo Xacriabá. Este aspecto da cultura é parte importante da afirmação da identidade deste povo, contando sempre com os saberes da tradição e com a memória oral dos artesãos.

No livro *Artesanato Xakriabá: osso, madeira e semente* (2017), o grupo da escola Uikitu Kuhinã deu continuidade à uma pesquisa já existente sobre a produção do artesanato, porém houve análise e reconfiguração dos trabalhos anteriormente produzidos para pensar em uma pesquisa mais ampla sobre os



Saberes e Fazeres Manuais Xakriabá. Estudaram e organizaram em oficinas o passo a passo do trabalho de pesquisa e elaboração de materiais com características de manual de aprendizagem de determinado artesanato e técnica. A pesquisa anterior aqui mencionada ocorreu na primeira etapa do programa, em 2014, com professores da escola Uikitu Kuhinã, em torno do artesanato em cerâmica junto ao ceramista Vanginei Xakriabá, o Nei, professor da disciplina Cultura na aldeia Barreiro Preto, que realizou TCC sobre esta arte do povo Xakriabá no Curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas (FIEI-FAE-UFMG).

A partir desse trabalho do ceramista no percurso acadêmico do FIEI, em 2015/2016 foi realizada a diagramação do material produzido pelo professor Vanginei: o Manual de Cerâmica Xakriabá, atualmente em fase de editoração. Após a pesquisa com a cerâmica Xakriabá, os professores decidiram trabalhar com o artesanato em osso e madeira. Foram orientados a fazer um mapeamento dos artesãos na TI buscando identificar a produção de peças sagradas, peças utilitárias, peças de uso estético, a perspectiva histórica do trabalho com osso e madeira no território e a relação entre velhos e jovens na produção e uso das peças. No decorrer da pesquisa com o artesanato em osso e madeira, os professores chegaram ao trabalho do professor Marcelo que também foi aluno do FIEI-FAE-UFMG, em que realizou TCC sobre a arte de alguns artesãos do povo Xakriabá que trabalham com a matéria-prima osso e madeira. Seu percurso no FIEI gerou esta Cartilha do Artesanato em Osso e Madeira.

Nas entrevistas realizadas com artesãos mais experientes na Terra Indígena, o livro mostra como ocorreu o processo de resgate da cultura do artesanato e como esse processo expressa a revitalização de aspectos identitários e das práticas tradicionais da produção de objetos ornamentais e de uso doméstico, revelando-se como um campo potencial para a atividade econômica além de dar lugar à troca entre diferentes gerações.

Em nossa análise, verificamos que, apesar de formalmente a obra conter apenas uma autoria, consideramos que ela foi produzida pela coletividade, como podemos observar nos depoimentos, entrevistas e relatos de experiências que serviram como base para o que o autor denomina durante a obra de retomada do artesanato Xakriabá.



Como já mencionamos, para esta retomada da fabricação e uso do artesanato, foi também necessário pensar na luta e recuperação do território, assim como na representação positiva da cultura indígena e da memória de seus ancestrais. Enquanto retomada do território, o autor conta que esta conquista trouxe outras lutas pois receberam uma terra profundamente degradada devido à criação de gado, onde tudo foi transformado em pasto pelos antigos posseiros; além do isolamento regional, a falta de assistência governamental que os levou à pobreza, agravada pelos longos períodos de seca, em um território carente, naquela época de recursos hídricos e em consequência, de alimentação adequada e condições dignas para viver.

Alguns depoimentos dos artesãos colaboram para o nosso entendimento sobre este pensamento:

O negócio que tem de fazer é incentivar os mais novos, os alunos, né? ... porque tem alunos que não quer fazer, já tem outros que tem influência. [...] As roça,,, né? Num... num tá dano igual antes, e... por isso, quem sabe, né? Os jovem tem mais influência e...né? Quem sabe no dia da manhã tem mais influência, mais alunos querendo fazer (Depoimento do artesão Belarminio em 2005, p. 11).

De acordo com o autor, o depoimento mostra como o artesanato é uma oportunidade de aumentar a renda em casa, o que poderia ser melhor (re)conhecido pelos jovens, como uma forma de trazê-los para 'dentro' da sua aldeia. Além disso, sente falta de incentivos para a prática do artesanato, principalmente no que se refere aos locais de exposição das peças, que antes tinham mais saídas nas feiras em cidades próximas e tem hoje apenas o próprio território ou a cidade de São João das Missões.

O autor interpreta que são diversas as peças produzidas por estes artesãos e diversa também é a forma e técnica que cada um tem de preparar a ferramenta, preparar o material e a matéria prima que irá utilizar. Apesar dessas diferenças, afirma que há dificuldades para a venda das peças, e entende que a falta de recursos para viagem e a falta de comunicação para divulgação dos trabalhos fora da aldeia são os fatores que mais impedem a saída do artesanato. Ressalta, ainda, a defasagem no preço das peças, uma vez que o valor de um colar, por exemplo, se mantém há dez anos sem aumento, enquanto uma diária de trabalho na roça já é pelo menos o dobro deste valor e percebe que se aumentar o preço ninguém compra, apesar do artesanato, segundo o senhor Salvino, hoje



ter um melhor acabamento e melhor seleção da matéria prima que os deixa “mais bonitos”.

Mesmo com todas as dificuldades, o autor da obra observa que a troca de experiências e informações com outros artesãos demonstra o quanto o artesanato é importante para reafirmação da identidade indígena: “Eram poucas as pessoas que usavam artesanatos próprios e até mesmo se reconheciam como índio, hoje isso está mudado e o interesse em buscar a própria identidade está, visivelmente mais forte (FRANCO, 2017, p.15).

Franco conclui sua pesquisa ressaltando que todos os artesãos que trabalham tendo o osso e a madeira como matéria prima se inspiraram ou aprenderam com o professor Edivaldo que contribuiu muito com o aumento do número de artesãos na terra indígena Xacriabá. Reforça a importância de se ter um lugar para a divulgação e comercialização desses produtos, o que é unanimidade entre todos os entrevistados do livro e a importância de se ter equipamentos adequados para o corte e acabamento das peças. Por fim, sugere uma troca de experiência entre os próprios artesãos, no intuito de inovar na criação de peças e “aumentar a venda de seus produtos.

A produção Manual de Cerâmica Xacriabá (2017) foi idealizada por Nei Leite, a partir do curso FIEI turma 2006-2011. Vanginei Leite Xacriabá é professor de cultura, graduado pelo FIEI em Língua, Artes e Literaturas e mestrando no programa de pós-graduação em Belas Artes pela UFMG. Este manual pretende resgatar a cultura da cerâmica Xacriabá, registrando todo o processo deste trabalho para as futuras gerações, passando pela escolha do barro, modos de fazer, finalização e queima das peças.

O manual recomenda a necessidade de observar a fase da lua, até mesmo para a retirada do barro, dizendo que o ideal é na lua crescente para a cheia, pois, as fases minguante e nova não são boas porque o barro corre o risco de rachar. Além da fase da lua, também não é indicado tirar o barro “no broto” que é no mês de agosto quando as plantas se renovam após o período de outono/inverno. De acordo com o ceramista sr. Emílio da Aldeia Prata Redonda, citado por Leite (2017):

Eu tiro o que ta mais embaixo, que o de cima sempre tem areia misturado, aí eu tiro ele, limpo pro cima tudo, e vo pega o de baixo é tanto que essas paça aí mermo num tá bom é purisso, quele num foi tirado



numa lua muito boa né praque nós peguemo foi uma hora que achemo uma folga, ainda tava moiado, ainda tinha moiado de chuva no lugar né também, e é foi tirado pru cima (LEITE, 2017, p 12).

O manual também ensina que, para preparar o barro, é preciso saber que tipo de peça será produzida, pois existe o barro mais úmido, seco ou mais oleoso. Depois desta seleção, cada tipo de barro é preparado de uma maneira diferente: nos mais secos é preciso retirar as pedras e raízes, os úmidos precisam ser amassados, deixando-os de molho em sacolas plásticas por algum tempo “para ficar igual pumada” como afirma o senhor Antonio Paca, ceramista da aldeia Pindaíbas.

O próximo passo para a fabricação de peças é a seleção dos toás, que são utilizados para pintar as peças pois possuem cores diferentes da cor do barro. “O toá pode ser quebrado em pilões ou socado com um macete em cima de uma pedra. Coloca agua e cua pra sair pedrinhas e areia. Quando o pó assentar no fundo da vasilha, tira um pouco de água e a tinta está pronta.” (LEITE, 2017, p. 19).

Cada peça tem a sua técnica específica para ser moldada. O manual cita que para a produção do *pote* começa fazendo primeiro o fundo a partir de uma placa reta; para a *panela* ficar mais resistente à temperatura é bom misturar um pouco de grãos de caco de peças de barro queimado; para *porungas*, que é o modo dos antigos se referirem às *botijas*, *moringas* e *cabaças*, começa-se fazendo uma placa circular de barro com pavios ou com rolos de preparar massa de paste e antes de colar um pavio é recomendado fazer riscos no que está por baixo para fazer a costura quando apertar um contra o outro; para *pratos* e *sopeiras*, o processo é bem parecido com os do pote, panelas e todas as peças feitas por pavios; para *copos* e *xícaras*, o manual recomenda cobrir o suporte com uma folha de caderno, para a placa não grudar, depois enrola a placa de barro envolta no suporte de maneira que dê uma volta e encontre as pontas para, em seguida, cortar uma placa circular do tamanho do fundo da peça e faz a emenda alisando com o caco um pouco; para as *telhas*, passa-se a cinza na banca, coloca a grade em cima e espalha nela o barro, apertando na grade, passando o facão para cortar o excesso; para os *tijolos*, antes de colocar o barro na forma tem que lavar e passar cinza para não grudar.



Após moldurar as peças, é necessário fazer a raspagem e decoração antes da peça totalmente seca. Os desenhos são feitos com as pontas dos dedos, talos de plantas ou pinceis industrializados. Para a secagem dos buiões – nome dado pelos mais velhos às peças de barro em geral – devem ser colocados à sombra, longe do vento para não rachar durante a queima. Se a peça quebrar durante a queima, utiliza-se o cipó cola prato passando nela o leite retirado dele, utilizando várias camadas. Se apresentarem apenas rachaduras, as peças são recuperadas com o próprio barro das quais foram feitas.

O manual menciona também que, para cada tipo de forno utilizado, há um tipo de queima: no *forno tradicional (buraco no chão)* faz um buraco no chão de modo que a metade da peça fique para fora do buraco. As peças são colocadas com a boca virada para o fogo, formando um círculo como duas meias lua. A queima tem que ser no meio da mata para não pegar muito vento e também olho ruim; no *forno tradicional com cascas*, as peças são colocadas no chão, em círculo, com as bocas encontrando no meio. Depois de acomodar as peças, faz outro círculo com cascas de angico em volta das peças e colocar fogo em todo o círculo de maneira que o fogo seja controlado e as peças queimem lentamente; no *forno retangular com crivo*, utilizado com mais frequência atualmente para a queima de telhas, potes, panelas e peças maiores, é construído no tamanho das peças a serem preparadas. Para alentar deve manter apenas na boca do forno um pouquinho de fogo, aumentando e chegando para dentro do forno lentamente. O forno só deve ser aberto depois de frio – três ou quatro dias após a queima; no *forno catenário*, construído com tijolos refratários, após pesquisas, oficinas e conversas com lideranças, através do projeto de “Revitalização das práticas tradicionais do fazer artesanal Xakriabá”, do Fundo Estadual de Cultura (FIC), é um modelo mais recente que está sendo adaptado pelos artesãos como forma de economizar lenha.

Além das técnicas descritas, estão presentes neste manual imagens e relatos de cada processo para que o leitor se aprimore de uma arte pouco disseminada nos dias de hoje. O autor reafirma neste trabalho a sua missão em continuar a tradição da arte em cerâmica em sua terra indígena.

A especificidade cultural do povo Xakriabá se manifesta nestas publicações a partir do esforço dos autores em resgatar, recriar e reinventar o modo como o artesanato e a cerâmica foram inseridos no cotidiano da comunidade, porém,



trazendo esta produção para os dias atuais, com o intuito de dar continuidade às práticas que fazem parte da sua identidade cultural. Como apontado anteriormente, reconhecemos em suas narrativas que a todo momento, passado presente e futuro são entrecruzados, de forma a não se perder a identidade do povo Xakriabá. Também destacamos aqui que, apesar das pesquisas terem sido realizadas por um professor (Marcelo no artesanato ou Vanginei na cerâmica), todo o trabalho tem autoria coletiva, a partir da escuta dos mais velhos ou da pesquisa realizada em diferentes aldeias.

Entendemos nas narrativas apontadas nesse manual e no catálogo a importância da revitalização dos fazeres no passado e hoje, como esses modos ainda são praticados, mas com o olhar dos mais jovens. O manual é uma publicação mais aprofundada sobre a história da retomada do artesanato Xakriabá, que aborda desde a coleta e tipos de materiais utilizados, até a finalização das peças e o catálogo, apresentando também a produção atual do povo Xakriabá.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos a partir dos materiais e arquivos produzidos pelo povo Xakriabá, acessar a sua história, suas memórias e sua cultura. Precisamos apontar algumas dificuldades durante este percurso da pesquisa, que se iniciou na segunda semana do mês de março de 2020, quando foi decretado em todo o estado de Minas Gerais o *lockdown*, que foi um protocolo de isolamento diante da pandemia da COVID-19. A partir daí, refizemos alguns passos para realizá-la, principalmente no encontro presencial entre pesquisadora e orientadores, pesquisadora e equipe do Programa Saberes. Todo o nosso contato para que pudessemos chegar até este momento se deu de forma virtual e durante este processo enfrentamos vários obstáculos.

Particularmente foi também um grande desafio fazer o deslocamento entre a supervisora do Programa e todo o trabalho realizado no Saberes desde 2016 e a pesquisadora que precisava neste momento dar conta de falar de um outro lugar. Esse deslocamento foi importante para entender e conhecer melhor de quem eu estava falando e qual a minha responsabilidade sobre este trabalho.



O processo de elaboração dos materiais produzidos analisados neste trabalho, mostra como a estereotipia aparece de forma velada não apenas no material elaborado por não indígenas e como eles são representados, mas também na forma de quebrar os estereótipos em materiais produzidos por eles próprios.

Outra importante categoria que utilizamos para analisar as narrativas dos materiais são as imagens e a importância que os autores dão à sua própria produção. Durante o programa foram realizadas várias oficinas de ilustração para que os próprios professores pudessem elaborar as imagens que iriam para as obras. Nelas, fizeram todo um investimento para produzir imagens para compor os livros e que trouxessem representações contrárias àquilo que foi feito historicamente sobre o povo Xacriabá que acabam por reiterar o colonialismo.

Ressaltamos, assim, a importância desta análise para entendermos como se dá a coletividade da autoria indígena. Vimos nas obras aqui analisadas que ora podemos citar os autores e em alguns momentos citamos apenas o nome da obra, pois não é possível conceber uma história ou várias apenas a uma pessoa. Entendemos também que esta coletividade retrata muito bem as contribuições dos povos indígenas, mais especificamente do povo Xacriabá, para a compreensão da história e da diversidade da sociedade brasileira. Constatamos ainda a importância da continuidade da rede Saberes Indígenas na Escola, dada a sua relevância para as comunidades e escolas Xacriabá e como estratégia de resistência dos povos indígenas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Joelma Cristina de Lima; NOGUEIRA, Claudete de Sousa. **Representações de negros e indígenas nos livros didáticos no contexto das leis 10.639 e 11.645:** mudanças e permanências. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), [S.l.], v. 10, n. Ed. Especial, p. 749-769, jun. 2018. ISSN 2177-2770.

BESSA FREIRE, José Ribamar. **Museus Indígenas, Museus Etnográficos e a Representação dos Índios no Imaginário Nacional:** o que o museu tem a ver com educação? In: CURY, Marília Xavier (Org.). *Museus e Indígenas: saberes e ética, novos paradigmas em debate*. São Paulo: Secretaria da Cultura; ACAM Portinari; Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2016.

BRASIL, Portaria n. 98 de 06 de dezembro de 2013. **Regulamenta a ação Saberes Indígenas na Escola.** Disponível em: http://portal.mec.gov.br/component/docman/?task=doc_download&gid=16386&Itemid= - Acesso e, 03/03/2022.



CRUZ, Fernanda Gonçalves de Oliveira da. **A proposta do método indutivo intercultural e do calendário sociocultural nas escolas Xakriabá.** Trabalho de Conclusão de Curso. FIEI/UFMG. Belo Horizonte, 2013.

FLICK, Uwe. **Introdução a Metodologia de Pesquisa: Um guia para iniciantes.** Porto Alegre: Penso, 2013.

FRANCO, Marcelo Correa. **Artesanato Xakriabá: osso, madeira e semente.** 1 ed. Fino Traço. Belo Horizonte, 2017.

GOMES, A. M. R. **O processo de escolarização entre os Xakriabá: explorando alternativas de análise na antropologia da educação.** Revista Brasileira de Educação, v. 11, nº 32, maio/ ago. 2006.

KAIANG, Bruno. **Experiência em Formação de Professores.** In: GRUPIONI, Luis. Formação de professores indígenas: pensando trajetórias. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006.

LEITE, Nei. **Manual de Cerâmica Xakriabá.** 1 ed. Fino Traço. Belo Horizonte, 2017.

MIRANDA, S. A.; GOMES, A M R. **A formação de professores indígenas na UFMG e os dilemas das culturas entre os Xakriabá e os Pataxó.** In: Cesarino, Pedro de Niemeyer; Cunha, Manuela Carneiro da. (Org.). Políticas culturais e povos indígenas. 1ed.São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014, v. 1, p. 455-483

MIRANDA, Shirley Aparecida. **Saberes emergentes: a pesquisa com professoras indígenas.** Trabalho & Educação. Belo Horizonte, v. 25, n.1, p. 267-280, Jan-Abr., 2016.

SANTOS, Ariclens Ferreira dos; OLIVEIRA, Aparecido Rodrigues de. **A memória da luta pela terra indígena do povo Xacriabá de Rancharia (MG).** Trabalho de Conclusão de Curso. FIEI/UFMG. Belo Horizonte, 2017.

SILVA, Manoel Antônio de Oliveira. **A única herança que um índio deixa para outro índio é a luta”:** a história da língua Akwen do Povo Xakriabá. Trabalho de Conclusão de Curso. FIEI/UFMG. Belo Horizonte, 2018.